

AFROS & AMAZÔNICOS



O GARIMPO DE OURO NO RIO MADEIRA DURANTE A DÉCADA DE 1980 SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE UM GARIMPEIRO

Gold Mining on the Madeira River during the 1980s According to the Perception of a Gold Miner

*Dante Ribeiro da Fonseca**

Resumo: Iniciada no final dos anos de 1970, a garimpagem do ouro no rio Madeira teve seu apogeu na década seguinte, seu declínio principia nos primeiros anos da década de 1990. A atividade concentrou-se na região do Alto Madeira, inclusive no trecho encachoeirado do rio, em sua maior parte dentro do estado de Rondônia expandindo-se também pela região fronteira da Bolívia com o Brasil. Atraiu pessoas de todas as partes do Brasil e entre esses buscadores da fortuna estava o sr. Mário Savanhago. Primeiramente garimpeiro, depois dono de draga, permaneceu nessa atividade até que o garimpo iniciou a decair. O presente artigo é composto por uma introdução, contendo um breve histórico sobre a atividade garimpeira no rio Madeira na década de 1980; o depoimento do sr. Mário Savanhago; finalizando com algumas considerações sobre a formulação de documentos a partir de depoimentos orais.

Palavras-chave: Garimpo; Amazônia; Rondônia; Conhecimento popular.

Introdução¹

Embora o rio Madeira tenha participado como corredor de comunicação entre o norte do Mato Grosso e Belém do Pará, em razão do controle do comércio da região aurífera do Guaporé, cujos primeiros achados são datados de 1731, a mineração do ouro propriamente dita na bacia do rio Madeira é fenômeno do século XX.

Em Rondônia, a mineração começa nesse mesmo século, pois a partir dos anos de 1950 são constatadas a existência de jazidas de cassiterita no seringal do sr. Joaquim Pereira da Rocha, situadas no rio Machadinho, afluente do rio Jamari, que deságua no rio Madeira. A cassiterita, ma-

téria prima muito valorizada na época, despertou a cobiça de mineradores que passaram a pesquisar a existência de outras jazidas, provocando uma corrida em busca desse metal em Rondônia. A exploração manual da cassiterita, que ocupou milhares de trabalhadores, foi proibida no início da década de 1970 e o minério passou a ser objeto de produção industrial, explorada pelas mineradoras estrangeiras que ganharam do governo brasileiro a concessão para esse fim. Ao longo dessa década a produção desse minério entra em decadência em razão da queda de seu preço no mercado internacional. Consta também em meados do século passado, achados de diamantes no rio Pimenta Bueno, afluente do Ji-Paraná.

No final dos anos de 1970, o ouro já havia iniciado uma escalada de preços no mercado internacional, o que aumentou o interesse pela pesquisa e exploração do metal ocasionando o surgimento de diversos garimpos manuais em toda a Amazônia. A tabela abaixo (Tabela 1) registra o aumento do preço médio anual da grama do ouro em dólares e as diversas estatísticas e estimativas de produção em toneladas.

* Professor Titular do Departamento de História da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia (IHGRO) e da Academia de Letras de Rondônia (ACLER) e sócio correspondente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA).

1. O presente trabalho, que segue parcialmente publicado, foi elaborado para servir de suporte ao projeto AGAGÊ (Hg), agraciado pelo Edital nº 33/2021/SEJUCE-L-CODEC- 2ª Edição Alejandro Bedotti do Edital de Chamamento Público de Fomento à Cultura para Pesquisa e Desenvolvimento de Expressões Culturais, da Superintendência da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer – Sejucel, do Estado de Rondônia.



Primeiramente, observando-se os preços, podemos constatar na tabela I que na década de 1970 a variação do preço do metal já apresentava crescimento, particularmente a partir do ano de 1974. Apesar da variação do preço para baixo no ano de 1976 os mesmos voltaram a crescer no ano seguinte, continuando em patamares muito superiores na década seguinte, onde registrou-se o máximo de US\$ 446,22 no ano de 1987, iniciando a década de 1990 no patamar de US\$ 362,26.

A produção de ouro, tanto no total oficialmente registrado como no total estimado, seguiu a tendência dos preços, ou seja, os agentes econômicos respondiam ao aumento da demanda e aos preços convidativos do mercado aumentando também a produção.

Nesse sentido, é de se notar ainda na tabela acima que se a tonelagem de ouro

proveniente dos garimpos participou com uma parte sempre menor do que o ouro produzido industrialmente, ou seja nas minas, durante a década de 1980 a produção do ouro proveniente das zonas de garimpo sobrepuxará, desconsiderando a produção garimpeira estimada em razão das dúvidas que daí possam advir, inequivocamente a produção industrial do ouro já a partir do ano de 1978 e marcadamente na década de 1980, terminando a década com uma produção industrial de 30,20 toneladas contra 71,70 toneladas produzidas pelos garimpos.

Embora a mineração do ouro em Minas Gerais tenha sido a mais importante do Brasil desde o século XVII, no século passado essa posição foi superada pela Amazônia, de tal forma que no ano de 1998 somente a bacia do rio Tapajós produziu 3,5 toneladas do metal. Destarte, a expansão da produção aurífera nacional ocorreu prin-

Tabela 1: Extração anual de ouro oficial e Estimada no Brasil e na Amazônia (1967-2013)

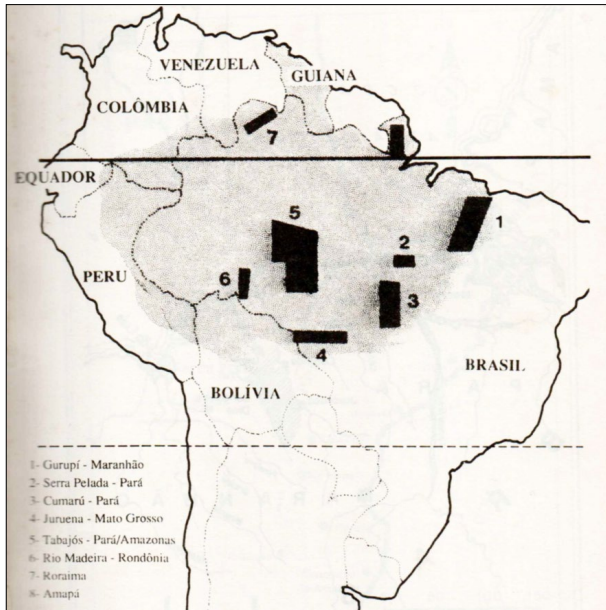
Ano	Preço Médio Anual US\$	Total oficial (Ton.)	Total Estimado (Ton.)	Indústria (Ton.)	Garimpo Oficial (Ton.)	Garimpo Estimado (Ton.)	Garimpo Amazônia Estimado
1970	36,02	6,20	9,00	5,80	0,40	3,20	–
1971	46,62	6,00	9,00	5,10	0,90	3,90	–
1972	58,42	7,20	9,50	6,30	0,90	3,20	–
1973	97,39	6,40	11,00	5,10	1,20	5,90	–
1974	154,00	5,80	13,80	4,70	1,10	9,00	–
1975	160,86	5,40	12,50	3,90	1,50	8,70	–
1976	124,74	4,90	13,60	3,70	1,20	9,90	–
1977	147,84	5,40	15,90	3,80	1,60	12,10	–
1978	193,44	9,50	22,10	4,10	5,40	18,00	–
1979	304,68	4,50	35,30	3,30	1,10	31,70	–
1980	614,50	15,20	40,10	4,10	11,10	35,90	25,50
1981	459,26	15,40	42,40	4,40	10,90	37,60	30,70
1982	375,30	25,50	60,50	4,60	20,90	55,90	53,70
1983	423,66	53,70	75,00	6,20	47,50	68,90	65,50
1984	360,78	37,20	67,80	6,70	30,60	61,10	58,70
1985	317,30	29,70	79,80	7,60	22,10	72,30	69,10
1986	367,85	23,40	91,20	7,90	15,50	83,40	80,70
1987	446,22	35,80	99,80	13,10	22,70	86,70	83,30
1988	436,86	56,40	122,60	22,60	33,80	100,00	93,50
1989	380,82	52,50	111,70	22,80	29,70	88,90	79,50
1990	383,56	101,90	85,20	30,20	71,70	55,00	–
1991	362,26	89,60	76,10	34,10	55,50	42,00	31,00

Fonte: WANDERLEY, 2015, p. 74.



principalmente na Amazônia e principalmente através dos garimpos, surgindo vários deles nos diversos estados da Amazônia Legal, conforme demonstra o mapa acima. Vemos então a ocorrência de garimpos no Maranhão (Gurupi), no Pará (Serra Pelada e Cumarú), no Mato Grosso (Juruena), em Rondônia (rio Madeira), Roraima, Amapá. Os garimpos do rio Tapajós se distribuíam pelos estados do Pará e Amazonas.

Mapa 1: Garimpagem do ouro na Amazônia

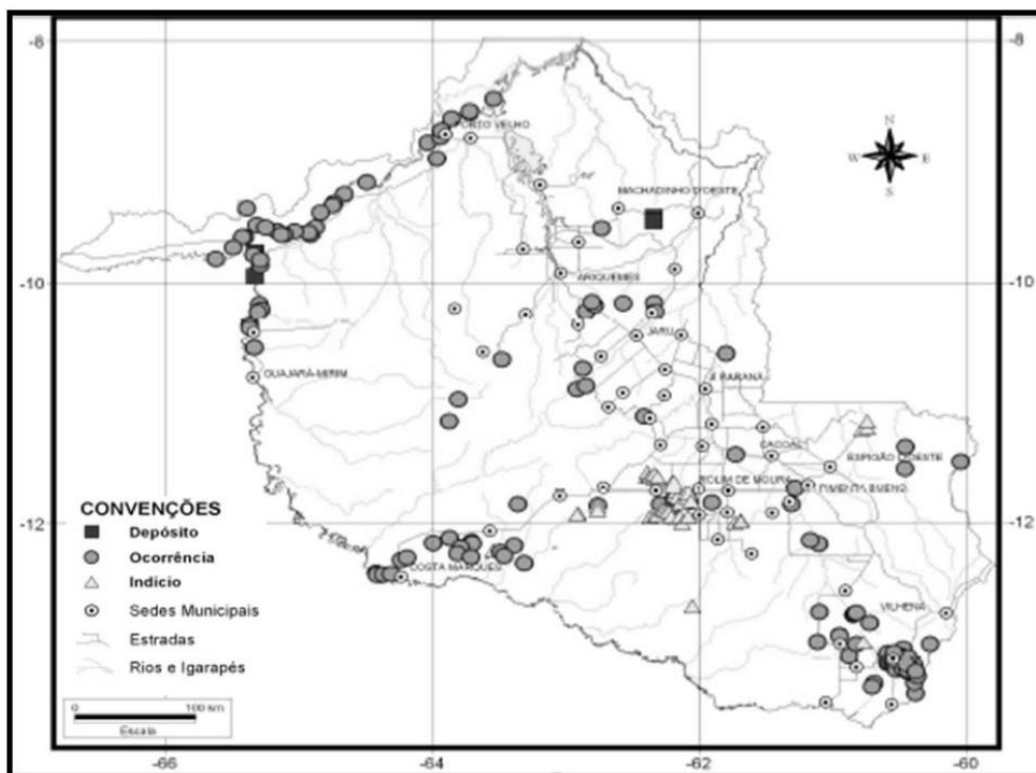


Fonte: Cleary, 1992, p. XXV.

Rondônia não deixou de ser afetada por esse fenômeno, nela, a produção de ouro expandiu-se pelo curso do rio Madeira para a montante de Porto Velho atingindo o município de Guajará-Mirim e mesmo o território boliviano. Nos anos de 1980, a pavimentação das rodovias que ligam Cuiabá a Porto Velho (RO) e a Rio Branco (AC), a BR-364 e a rodovia BR-425, uma variante da BR-364 que liga a vila de Abunã (RO) a Guajará-Mirim (RO) facilitaram a migração de massas de trabalhadores em busca de terras ou de ouro. Embora os depósitos e ocorrências conhecidos de ouro em Rondônia concentrem-se, em sua maior parte, nos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, conforme demonstra o mapa abaixo, a produção de ouro na década de 1980 concentrou-se no rio Madeira, do início do trecho encachoeirado, espreado-se, em menor medida, pelo rio Mamoré.

No contexto regional, também o rio Madeira, na parte situada em Rondônia, forneceu importante contributo para a produção de ouro nacional proveniente de áreas de garimpo. Conforme podemos ver na tabela abaixo (Tabela 2), Rondônia, du-

Mapa 2: Principais depósitos, ocorrências e indícios de ouro no território rondoniense



Fonte: LINHARES et alii, 2017, p. 64



rante a década de 1980 somente teve sua produção superada pelas áreas garimpeiras do rio Tapajós e Sudeste do Pará, suplantando a última região nos anos de 1988 e 1989. Conclui-se então que a produção garimpeira de ouro do alto rio Madeira era extremamente significativa no contexto da produção regional.

A garimpagem do ouro no rio Madeira iniciou em 1978. A partir desse ano podemos dividir essa produção em três fases, caracterizadas a partir da introdução de novos métodos de produção mineral: a) lavra manual (1978 a 1981), extração por meio de balsas (1981 a 1985) e dragas garimpeiras (1986-1992) (LINHARES, et alii, 2017, p. 43-69).

barrancos como do fundo do rio servindo-se de equipamentos, como bombas de sucção (chupadeiras) e bico de jato, que demoliam os barrancos dos rios ou reviravam os bancos de areia, que se formavam na vazante.

Posteriormente esse material foi adaptado aos flutuantes, que passaram a revolver mais fundo no rio. Foi partir de 1980/81, quando iniciaram a explorar o ouro também através de balsas vindas do Pará, principalmente de Itaituba e Santarém (SOUTO, 1985, p. 275). Nesses flutuantes eram utilizadas bombas de sucção mais potentes e adotada a utilização de acessórios como a maraca e o abacaxi para revirar o fundo do rio,

Tabela 2: Exploração garimpeira de ouro estimada por zona garimpeira – Kg (1980-1989)

Províncias Auríferas	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Tapajós	12.000	16.700	20.600	25.500	17.000	16.700	20.300	28.200	35.200	33.450
Sudeste do Pará	9.800	10.500	16.850	20.750	16.200	23.450	32.800	17.650	10.150	7.200
Norte do MT	450	950	4.350	9.400	11.850	14.800	14.350	16.650	11.350	10.250
Rio Madeira	1.650	450	7.050	3.250	3.450	4.350	2.300	13.400	16.900	11.850
Roraima	150	250	550	900	750	550	1.050	1.550	10.150	9.150
Amapá	100	150	250	800	1.300	2.050	5.350	1.850	3.800	2.850
Gurupi	200	250	300	350	1.800	1.850	700	850	300	250
Tocantins	100	200	150	250	750	1.050	350	250	850	450
Cuiabá-Poconé	150	250	2.050	2.050	4.200	2.100	1.050	800	2.050	1.950
Outros	900	950	1.550	2.250	1.350	2.200	2.350	2.050	2.750	2.100
TOTAL	25.500	30.650	53.700	65.500	58.650	69.100	80.600	83.250	93.500	79.500
Participação Nacional (%)	63,4	72,4	88,8	88,3	86,6	86,6	88,5	83,5	76,3	71,2

Fonte: WANDERLEY, 2015, p. 93.

Inicialmente, esse garimpo era realizado com bateias, nas praias e cachoeiras do rio Madeira. A notícia se espalhou e garimpeiros de todo o país, especialmente da Região Norte, vieram para Rondônia (ainda Território Federal). Eram atraídos pelos boatos de que havia muito ouro não explorado no rio Madeira. Após esse curto período inicial, a garimpagem com bateias passou a ser superada por métodos mais eficazes de extração do ouro. Passou então a garimpagem a utilizar crescentemente maquinário para a extração do ouro, tanto dos

facilitando a sucção do cascalho para a superfície.

A partir de 1978, a população garimpeira no rio Madeira cresceu até o final da década seguinte. Não se tem números preciso, mas a estimativa anual está apresentada na tabela abaixo (Tabela 3):

Tabela 3: População Garimpeira Estimada por Zona Garimpeira (1980-1990)

Províncias Auríferas	Tapajós	Sudeste do Pará	Rio Madeira
1980	40.000	26.000	4.900
1981	40.000	28.000	5.500



1982	55.000	48.000	8.000
1983	80.000	80.000	12.700
1984	80.000	70.000	9.400
1985	90.000	50.000	11.000
1986	95.000	50.000	16.500
1987	100.000	40.000	14.000
1988	110.000	47.000	20.000
1989	130.000	55.000	20.000
1990	95.000	31.000	15.800

Fonte: Wanderley et alii, 2015, p. 95.

Em 1980, um número estimado em quatro mil e novecentas pessoas dedicava-se a garimpagem do ouro no rio Madeira, em meados daquela década, no auge da fofoca, cerca de onze mil pessoas se ocupavam no garimpo do rio Madeira, atingindo o auge nos anos de 1988 e 1989, com vinte mil pessoas finalizando com um montante de pessoal ocupado no garimpo estimado em quinze mil e oitocentos indivíduos no final da década.

A entrevista, cuja transcrição segue abaixo, resulta da coleta das memórias e impressões de um garimpeiro que atuou no rio Madeira, o sr. Mário Savanhago (Imagem 1), entre 1987 e 1991, ou seja, no auge do movimento extrativista. Realizei-a entre os dias 7 e 14 de abril de 2022.

Um garimpeiro do rio Madeira na década de 1980

O sr. Mário Jorge Savanhago nasceu em Francisco Beltrão (PR) no dia 19 de dezembro de 1965. Seu pai Ivair Savanhago já falecido, era construtor e agricultor e sua mãe Erci Endres Savanhago reside hoje perto de balneário Camboriú (SC). Integrou os quadros da Brigada Militar do Rio Grande do Sul de 1982 a 1986, onde serviu no primeiro batalhão de Porto Alegre. Nesse ínterim, cursou parcialmente vários cursos superiores, quais sejam: Teologia (Faculdade Teológica de Ciências Humanas e Sociais Logos – FAETEL, SP), pedagogia na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) de Frederico Westphalen /RS e Administração de Empresas na UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Imagem 1: Sr. Mário Jorge Savanhago, garimpeiro de ouro no rio Madeira de 1987 a 1991



Fonte: Foto gentilmente cedida.

Imagem 2: Draga de ouro no Rio Madeira



Fonte: Foto do autor de maio de 2022.

Em 1987, foi recrutado para trabalhar no garimpo do rio Madeira, em Rondônia. Junto com ele vieram outros, para trabalhar como peões de um conjunto de dragas pertencentes a um italiano de Porto Alegre. Esse senhor, que se chamava Vicente Atanásio, era leiteiro nos anos de 1980, entregava leite nos morros de Porto Alegre. Em 1984/85 veio para o garimpo do rio Madeira como mergulhador. Era um estrangeiro gordo, mas mergulhava dezoito, trinta metros. Ganhou seus primeiros dois, três quilos de ouro e se transformou de garimpeiro em dono de draga. A turma que saiu com Savanhago de Porto Alegre para Porto Velho era composta por vinte e sete homens, que foram conduzidos a Rondônia por um ônibus da empresa União Cascavel. Esse grupo tinha como tarefa montar cinco dragas para seu recrutador e depois operá-las no garimpo.



Savanhago ocupou-se do garimpo do ouro no rio Madeira desde 1987 até 1991, quando o garimpo já dava sinais de esgotamento. Ainda em 1987 a principal forma de mineração era através das balsas. Eram equipadas com magotes de quatro polegadas. Mergulhadores conduziam a extremidade submersa desse magote, que sugava do fundo do rio o material contendo ouro (areia e algum cascalho). Respiravam através de uma mangueira por onde o compressor bombeava o ar, essa mangueira terminava em uma “chupeta”, que ficava acoplada à boca do mergulhador.

A partir de 1985, chegaram em Rondônia as dragas “queixo duro”. Eram assim chamadas porque na ponta de suas tubulações não havia ainda a maraca, que somente seria inventada depois (Imagem 3). As dragas queixo duro eram equipadas com canos de aço com até cinquenta metros de comprimento e bitolas de 8, 10 e 12 polegadas. Nessas dragas já não era necessária mais a utilização de mergulhadores para sugar o fundo do rio. O cano batia no fundo do rio para sugar a areia e o cascalho. Na verdade, como atingiam profundidades de trinta e cinco a quarenta metros, poucos mergulhadores poderiam suportar o trabalho. Os que aguentavam, quando emergiam, eventualmente morriam, por causa da descompressão.

No ano em que foi inventada essa importante inovação da maraca, os índices de produtividade do garimpo melhoraram. Naquele ano, um dono de oficina chamado Rolfe, Rolph ou Wolf, de nacionalidade alemã, inventou a maraca para adaptar às dragas. Tinha ele uma oficina situada no trevo do Roque (em Porto Velho), onde se concentravam na época muitas oficinas para a construção de equipamentos para garimpagem e madeireiras. O senhor Rolfe (chamemo-lo assim) era torneiro mecânico e começou a fabricar as maracas em sua oficina. As primeiras não deram muito certo, quebravam bastante, depois foram melhorando.

Imagem 3: Maraca, acoplada ao motor e ao duto que conduz a areia e o cascalho à superfície.



Fonte: Foto do autor de maio de 2022.

As maracas eram movimentadas um motor hidráulico com força de 34 cavalos que promovia sua rotação. Ambos, maraca e motor, ficavam na ponta submersa da tubulação, escarificando o cascalho, ajudando a moê-lo um pouco no fundo do rio para que chegasse à superfície em pedaços menores junto com a areia. As dragas queixo duro pouco aproveitavam desse cascalho porque eram desprovidas das maracas. Segundo o senhor Savanhago: “Foi usada uma mecânica totalmente hidráulica, a engenharia foi copiada da retroescavadeira, como as que temos até hoje em todas as cidades do Brasil”. No final, as maracas aprimoradas com a tecnologia da retroescavadeira foram as que fizeram mais ouro no garimpo. Então, de 1987 em diante a produtividade das dragas aumentou, o que coincidiu com o aumento da produção do ouro.

Posteriormente Savanhago veio a ser proprietário de dragas. Trabalhou com esse italiano no primeiro ano na cachoeira de Santo Antônio, no segundo ano adquiriu sua própria draga em sociedade com outros amigos. Naquela época, para garim-



par no rio Madeira, era exigido o registro das dragas também no Ministério da Marinha, como se fosse uma embarcação.

O regime de trabalho era tão intensivo que se trabalhava dia e noite e se perdia a noção dos dias, não se dando conta se estavam no sábado ou no domingo. Dessa forma, passaram-se dois anos sem que o sr. Savanhago se desse conta do dia do seu aniversário sequer, de tão ocupado que estava. E conclui: “Quem pensa que o garimpo é fácil, está muito enganado, é um trabalho muito difícil e vai toda a saúde e toda tecnologia que tu possas usar e estiver ao seu dispor para arrancar o ouro do fundo do rio, as vezes dezoito, vinte e até cinquenta metros de profundidade em alguns lugares em que eu garimpei”.

Lembra que os políticos iam fazer campanha nas beiras do rio, nas áreas de garimpo, para tentar se eleger com o voto dos garimpeiros. Por esse motivo ele transferiu seu título de eleitor para votar em Porto Velho, nos deputados que apoiavam as demandas dos garimpeiros, que era a liberação de certas áreas do garimpo, para tornar o garimpo legal para os trabalhadores.

Existiam locais onde o garimpo era proibido, como as áreas cedidas às grandes empresas internacionais (certamente as mineradoras de cassiterita). Eram áreas cheias de placas proibindo o acesso e alguns garimpeiros, aqueles que chegaram muito perto eram repelidos a tiros de balas de espingarda Winchester. O brasileiro não podia chegar perto dessas empresas, que eram norte-americanas e chinesas. Ele não sabe como no governo, depois do Collor, esses estrangeiros conseguiram áreas, montanhas inteiras, para garimpar sem a perturbação dos brasileiros, do povo nativo. Também as áreas de preservação e as áreas indígenas eram proibidas. Ainda, era proibido garimpar nas proximidades de Porto Velho e no canal de navegação das balsas. Para evitar embaraços às balsas que transportavam mercadorias entre Manaus e Porto Velho. Essas áreas eram respeitadas pelos garimpeiros.

As populações ribeirinhas formadas por famílias, que o sr. Savanhago define como cristãs, ordeiras, acolhedoras, honestas e trabalhadoras, comerciavam com os garimpeiros. Em 1987 ficou seis meses garimpando na cachoeira de Teotônio. Havia, próximo à cachoeira: minimercado, vendinha, farmácia, bares, pesca esportiva. Afirma que a população convivia com os garimpeiros e, nas suas palavras, adorava a presença deles porque pagavam em ouro.

Compravam nesse comércio farinha, remédio, soro para a malária, cobertor, gasolina, hélice de motor de popa, que eram pagos com ouro, porque todas as vendinhas tinham sua balança para pesar o ouro. Calculava-se o valor das compras em moeda corrente e convertia-se na cotação de outro do momento, daí pesava-se o valor correspondente às compras em ouro e pagava-se ao comerciante. O garimpeiro era bem vindo porque não comprava fiado.

Quanto à exposição dos garimpeiros ao mercúrio, disse que os garimpeiros sabiam das afecções resultantes de sua manipulação. Isso porque, segundo afirma, em geral os donos de draga não eram pessoas ignorantes. Havia poucos que sequer completaram o ensino fundamental, mas a maioria era como ele, já haviam passado pelos bancos de um curso superior. Esses donos de dragas providenciavam para seus negócios os EPI's (equipamentos de proteção individual). Equipamentos que não poluíssem a natureza e prejudicassem sua própria saúde.

A exceção eram aqueles que denominou “garimpeiros raiz”, que estavam sempre em volta deles. Foram para Porto Velho com o pessoal do Sul, mas sempre davam empregos e oportunidades ao pessoal ribeirinho. Assim, tendo trabalhado com o pessoal de Porto Velho e o pessoal ribeirinho, observou que esse pessoal não respeitava as normas de segurança (de trabalho e sanitária). Então esse pessoal não usava os EPI'S, não usavam botinas, luvas, o cadinho (retorta). Queimavam o



ouro a céu aberto, mas era tão pouco que afirma não ter prejudicado o rio. Sendo essa acusação, segundo ele, conversa de ecologista.

Afirma ser mentira que o rio Madeira foi poluído de mercúrio pelos garimpeiros, em razão de que o forte do ouro foi extraído pelos garimpeiros do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo parte de Goiás. Esse pessoal sempre usou cadinho, porque não queria jogar dinheiro fora, o mercúrio custava muito caro. Com o uso do cadinho o mercúrio era reaproveitado, não indo nada para a natureza.

O óleo velho, óleo de motor, eles tiravam em baldes e levavam para a cidade, não era largado, nem no rio, nem na mata. Então é claro que os garimpeiros sabiam dos resultados das afecções resultantes do manejo do mercúrio. Principalmente do mercúrio em forma de vapor que, quando respirado, se aloja no pulmão e é fatal, provoca doenças neurológicas, tipo mal de Alzheimer. Então o pessoal do Sul, de todo o Brasil, se cuidava muito, mas o ribeirinho não ligava para nada, garimpavam de calção e chinelo de dedo, mas eram poucos. Na fofoca, num aglomerado de dragas, você encontrava 100 pessoas nesse estilo, ou outros; 500 a 1000 pessoas eram todos de botina, luva e com os EPI's, com a segurança necessária e o bom andamento do trabalho para salvar o mercúrio, conhecido por azougue na época.

Em 1985, foi o ano no qual se extraiu mais ouro. Foi também onde houve maior mortandade, na localidade de Abunã, nos Periquitos. Ouviu falar, pelos que já estavam no garimpo em 1985, que a mortandade foi principalmente pela falta de equipamentos de segurança e treinamento dos mergulhadores. O garimpo nos Periquitos era muito artesanal, sem nenhum cuidado técnico.

Acontecia as vezes que estavam garimpando em um buraco na areia dez, vinte, trinta e até cinquenta dragas e balsas, "batendo areia" no buraco no fundo do rio até que chegam no cascalho. Nesse pon-

to já se havia formado em volta do buraco um barranco de areia de aproximadamente dez metros de altura. Quando esse barranco desabava, todos os mergulhadores que estavam no fundo do buraco ficavam soterrados por toneladas de areia. Com o advento da maraca esse tipo de acidente diminuiu bastante.

A malária era o que menos matava. As mortes por desavenças (bebida, ouro e mulher) causavam mais mortes. A maioria dos corpos que desciam o rio boiando resultavam dessas causas. Certa feita, ao passar pela cachoeira de Teotônio presenciou o velório de um mergulhador, ainda vestido em traje de mergulho. Ao perguntar pela causa do infausto, foi informado que o falecido estava submerso a aproximadamente vinte e oito metros de profundidade e subiu muito rápido. Não fazendo a decompressão necessária, foi vítima de embolia pulmonar que o levou a óbito.

Morria-se muito disto: falta de conhecimento técnico e treinamento para o mergulho. A malária seria o terceiro colocado na seguinte ordem: falta de aptidão técnica para o mergulho, a ganância pelo ouro, a combinação de mulher e bebida, finalmente a malária. A mortalidade era muito grande nessa época, a vida no garimpo era uma roleta russa diária para essas pessoas que não pensavam no amanhã. Houve dias que, parado na draga, viu passar da manhã até a noitinha vinte e três corpos flutuando no rio, pessoas que foram mortas mais acima, nos Periquitos e no Palmeiral. Todos mortos à bala ou na faca, por estes três motivos: ouro, bebidas e "mulheres".

Quando do início de seu labor de garimpeiro, conheceu pessoas que já garimpavam há mais tempo e que afirmavam desde sempre o garimpo ser área insalubre. A vida nos garimpos do estado, de maneira geral, era muito insalubre, muito triste, muita malária, e sempre à mercê das intempéries. A selva amazônica cobra a seu preço com as malárias, com as pneumonias e com as doenças venéreas. Na época a doença mais grave que havia



no garimpo era a gonorreia, logo depois surgiu a AIDS, mas então era a gonorreia, que se curava fácil. Também, é claro, onde há ouro, bebidas e mulheres, havia também as drogas da Bolívia, era só atravessar o rio.

Viu muita gente se perder na droga. Quando chegou ao garimpo já era homem feito e havia sido policial militar, ou seja: conhecia a malandragem. Mas muita gente chegou com a cabeça aberta e: “Viraram garimpeiros, nunca mais viraram homens de verdade”. O garimpeiro em si é um bicho trabalhador, trabalha a semana inteira para gastar tudo em um final de semana em um bordel em Porto Velho. Acabado o ouro volta para o garimpo. Infelizmente fortunas foram conseguidas e gastas assim: “Quando tu viras garimpeiro raiz, nunca mais se tornará um homem, no sentido de uma pessoa que pensa no futuro, que pensa nos filhos e que pensa na família, que é cristão e que pensa na pátria. Vira um bichinho, que só trabalha e satisfaz suas necessidades básicas, mais nada”.

Existiam famílias em Porto Velho que adquiriam sítios nas proximidades dos garimpos, onde as fofocas estavam bamburando, onde tinham cem, duzentas, quinhentas dragas trabalhando dia e noite. Iam e vinham com o achado do metal, porque essas aglomerações não demoravam muito tempo. Teve o privilégio de conhecer um membro dessas famílias que o levou a conhecer a casa dele, que era um barraco de madeira, coberto de palha e chão batido, “no meio do nada”.

O terreno circundante a essas moradias era queimado, para espantar cobras e outros animais, e nele eram plantadas algumas espécies comestíveis: abóbora, maxixe, cana, banana, jambo. Visitou algumas famílias que viviam nesses sítios, à beira do rio, que eram rapidamente abandonados com o fim da fofoca. Viviam desprovidos de qualquer luxo, não tinham televisão, não tinham nada, sequer uma cama para dormir. O mobiliário se resumia

às redes, um fogão de barro, o maior luxo eram as panelas, tratadas com zelo e primorosamente areadas, brilhavam como prata. Compunha o restante dos utensílios domésticos um radinho de pilha, uma lanterna, uma espingarda e uma garrafa de pinga.

Todo o dia o morador caçava ou pescava e cuidava de um roçado de aproximadamente trinta metros de comprimento. Protegia essa plantação uma cerca de pau grosso para impedir sua devastação provocada pelas varas de queixada (porco do mato), que comiam tudo. Tudo era abandonado tão logo terminava a fofoca.

É evidente no depoimento de Savannahgo a enorme simpatia que ele nutria por essas famílias beiradeiras. Em certo momento afirmou mesmo que, apesar das poucas posses dessas famílias, sentia ao visitá-las ser apossado por uma paz inédita. Explica essa sensação pelo fato do isolamento dessas famílias dos desejos e sofrimentos do mundo moderno. Isso explica a sensação de paz, tranquilidade e segurança espiritual que sentia no ar, uma tranquilidade inexplicável.

Afirmou que somente mesmo estando no local é que é possível sentir-se em um local abençoado, onde circulam seres angelicais que cuidam daquela propriedade, daquela família, contra onças, contra cobras ou serpentes em razão de estarem no “nada”, a cento e cinquenta quilômetros de Porto Velho, do outro lado do rio. Essas famílias só tem um “caiquinho” (espécie de canoa na região Sul do Brasil) para atravessar o rio de água barrenta com grande correnteza e profundidade pode chegar a 40 metros. Estavam lá desamparados, mas com uma tranquilidade espiritual nunca vista. Em lugar nenhum do Brasil viu aquilo. Mas a família mais bonita foi aquela que viu no meio do nada, perto do Acre para quem vai em direção a Guajará Mirim, do lado boliviano do rio. Nunca viu tanta felicidade e paz espiritual naquele casal que não tinha nada, só umas panelas ariadas e duas redes para dormir.



Outro tipo de família que viu no garimpo foi aquela que residia na mesma draga. Em cima das dragas, principalmente as dragas de dois andares, viu famílias inteiras. Pai, filho, mãe, trabalhando e convivendo ali no garimpo, durante os oito ou nove meses quando é possível trabalhar, porquê depois vem a cheia e tem que encostar a draga até que passem os troncos violentos que descem o rio. Essas famílias conviviam normalmente em cima das dragas por meses e meses a fio.

Na cachoeira de Teotônio, em 1987, Savanhago fez muito ouro. Só com sua draga fez oito quilos de ouro em seis meses. Também naquele ano o Abunã fez muito ouro. Em 1988, 1989 (ou 1990) foi o Palmeiral e a Prainha. O Palmeiral ficava entre Guajará Mirim e o Abunã. Também a Prainha, que era uma ilha formada por um banco de areia.

Conheceu sua segunda esposa em 1988 ou 1989 nas proximidades da avenida Sete de Setembro, em Porto Velho e teve com ela uma filha cujo nome é Priscila Gabrieli de Castro Savanhago, nascida em Porto Velho, no Hospital de Base e hoje reside no balneário de Camboriú (SC). Dela se separou em 1990. A percepção da população local sobre os garimpeiros era também construída através da vizinhança urbana. O sr. Mário possuía residência na cidade, perto da antiga loja de autopeças PEMASA, onde vivia sua família constituída em Rondônia. Era conhecido como gaúcho e sempre foi muito bem tratado pela vizinhança. Como, mesmo quando a renda do garimpo não era boa, sempre tinha algum dinheiro guardado, porque não gastava dinheiro nos bordéis de Porto Velho, quando ia para casa fazia um bom rancho, comprava carne e bebidas e convidava os vizinhos para um churrasco. Nas épocas de chuvas e no Natal voltava ao Rio Grande do Sul para visitar a família. Onde os garimpeiros estavam era sinal de progresso, de prosperidade, as igrejas, os pastores pediam doações, sempre vinham adular os donos de dragas.

Em 1991, começou a declinar a produção do garimpo, de tal forma que muitos garimpeiros venderam seus equipamentos e voltaram para o Sul. Foi esse o caso dele. Quando sua filha tinha um ano ele vendeu tudo e retornou ao Rio Grande do Sul. Vendeu tudo com auxílio de advogado, a venda registrada em cartório, mas até hoje não recebeu o valor do negócio. Hoje é casado com a sra. Diana Salete Zellesky, de origem polonesa e moradora de Frederico Westphalen com a qual possui um filho de vinte e quatro anos (Mário Jorge Savanhago Junior), casualmente nascido no mesmo dia e no mesmo mês que o pai. Suas ocupações atuais são: agricultor, cultiva mudas de plantas em um sítio próprio, que comercializa em uma floricultura própria, que é contígua a uma loja de roupas e tecidos de sua propriedade, ambas situadas em Frederico Westphalen (RS).

Ficou rico no garimpo três vezes, e ficou pobre duas vezes, ainda sobrou algum dinheiro que ele levou para o Sul. As malárias levaram a riqueza, a primeira vez que enriqueceu veio a malária e teve que internar-se em clínica particular. Enquanto estava enfermo foi roubado no garimpo, até motor de popa e uma embarcação bico chato foram levados pelos empregados que trocaram por droga. No garimpo é assim: se o dono da draga não estiver em cima o peão toma conta e rouba na cara dura.

Durante seu período no garimpo, observou que de uma forma geral havia no garimpo pessoas de todo o Brasil. Mas liderando essa população, como donos de dragas, liderando garimpos, liderando equipes de trabalho predominavam os naturais do: Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, o povo trabalhador da Paraíba e da Bahia, que era o povo que se destacava. Mas existia gente do Brasil inteiro, gente de Minas Gerais e do Goiás, alguns capixabas também. Conheceu pessoas de todas as partes do Brasil, mas quem realmente fez a riqueza do garimpo foram os gaúchos e paranaenses, paraibanos, baianos, potiguares e goianos, e con-



clui: “Esse pessoal foi o que fez o Brasil ganhar dinheiro com ouro”.

Quem continua desbravando a Amazônia é o paranaense, desbravador, e o povo gaúcho, seguido pelos outros estados do Brasil. Nunca viu povo mais desbravador que o paranaense, na década de 1960, 1970 e 1980 foi o que desbravou o estado do Acre e Rondônia foi o paranaense e o gaúcho, seguido pelo mato-grossense pelo goiano. Esse povo, com malária, criando filho, botava tudo em cima de um caminhão, um armário, uns colchões, um tratorzinho, vendia as terras no sul e encarava aquele mundão de selva, as onças, as malárias com força, fé e esperança, esse é o povo gaúcho e o povo paranaense.

Breves considerações finais

Como se pode observar no depoimento do sr. Mário Savanhago, sua vivência de aproximadamente quatro anos no garimpo de ouro do rio Madeira proporcionou-lhe uma experiência que carrega viva na memória até os dias de hoje, que procuramos registrar com a máxima fidelidade possível. Contrariamente a uma prática que tem se tornado, infelizmente, muito comum nos dias de hoje, que consiste em o entrevistador estabelecer o debate com o entrevistado, optamos por não intervir em suas opiniões, nem pedir dele comprovação acerca de certas afirmações. As perguntas eventualmente feitas pelo entrevistador tiveram o objetivo de esclarecer informações por ele prestadas.

A crítica, quando e se for feita, deverá ser externa e posterior à elaboração do documento. Esse método já é secularmente utilizado na História e é a melhor forma para se obter uma revelação desnudada, na medida em que tal escopo seja possível, das lembranças e opiniões do depoente sobre diversos aspectos da vida no garimpo. Assim, a crítica, quando feita, que implica também a análise do pensamento do entrevistado, tomando-se como parâmetro as diversas dimensões da vida, deve ser reservada a seu momento oportuno e realizada segundo o método e os materiais próprios.

Procurei então não intervir nas lembranças e principalmente nas suas opiniões, fazendo perguntas que ocasionalmente dirigissem as respostas. Também evitei contestações à sua percepção dos fatos. Explico, tais iniciativas resultariam em um documento onde seria difícil extrair as opiniões do entrevistador das informações do entrevistado. Em tal inextricável situação o documento, enfim, seria de pouca utilidade, pois não expressaria a dinâmica das lembranças, mas uma mistura dessas com os interesses de pesquisa do entrevistador. Em outras palavras, a ideia foi de deixar fluir o relato ao sabor da memória do depoente, evitando o máximo possível intervir ou dirigir suas palavras.

O objetivo da entrevista foi registrar o que sabe, do que se lembra e como pensa esse garimpeiro dos anos de 1980, não importando aqui nossas opiniões pessoais ou acadêmicas a respeito desse material. Menos ainda as discordâncias do entrevistador em relação ao entrevistado sobre o tema. O material resultante, espera-se, deve expressar da forma mais pura possível a memória do depoente.

O objetivo da entrevista foi registrar o que sabe, do que se lembra e como pensa esse garimpeiro dos anos de 1980, não importando aqui nossas opiniões pessoais ou acadêmicas a respeito desse material. Menos ainda as discordâncias do entrevistador em relação ao entrevistado sobre o tema. O material resultante, espera-se, deve expressar da forma mais pura possível a memória do depoente.

Referências

AYRES, Gisele Antunes. *Distribuição do mercúrio nas águas superficiais do Rio Madeira*. Dissertação (mestrado em Geociências – Geoquímica Ambiental). Orientador: Prof. Dr. Luiz Drude de Lacerda. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Câmara de Coordenação e Revisão, 4. *Mineração ilegal de ouro na Amazônia: marcos jurídicos e questões controversas*. Brasília: MPF, 2020.

CLEARY, DAVID. *A garimpagem do ouro na Amazônia: uma visão antropológica*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1992.

COELHO, Maria Célia; WANDERLEY, Luiz Jardim; COSTA, Reinaldo. *Garimpeiros de Ouro e Cooperativismo no século XXI. Exemplos nos rios Tapajós, Juma e Madeira*



no Sudoeste da Amazônia Brasileira. *OpenEdition/Confins*, número 33, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12445>. Último acesso: 05/04/2022.

CRUZ, Montezuma. A sofrida busca do ouro no Tamborete, Vai quem quer e Sovaco da Velha. Revista Eletrônica Gente de Opinião. Porto Velho (RO), quarta-feira, 14 de julho de 2010. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br>.

FRANCISCO JUNIOR, Wilmo Ernesto; YAMASHITA, Miyuki; MARTINES, Elizabeth A. Leonel de Moraes. Saberes populares amazônicos: garimpo de ouro no Rio Madeira/RO e possibilidades de inter-relação com aulas de química/ciências XVI Encontro Nacional de Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia (X EDUQUI). Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (ED/SBQ) UFBA, UESB, UESC e UNEB. Salvador, BA, Brasil. 17 a 20 de julho de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br>.

HERRAIZ, Aurelio Diaz, SILVA Maria de Nazaré Souza da. Diagnóstico socioambiental do extrativismo mineral familiar (garimpo) na calha do rio Madeira, em Humaitá, Amazonas. *Revista Pegada*. Vol. 16, n. 2 202, p. 201-226, dezembro/2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário Estatístico do Brasil – 1990. v. 50, p. 1-784. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

KATSURAGAWA, Tony Hiroshi; GIL, Luiz Herman Soares Mauro; TADA, Shugiro; SILVA, Luiz Hildebrando Pereira da. Endemias e epidemias na Amazônia: malária e doenças emergentes em áreas ribeirinhas do Rio Madeira. Um caso de escola. *Estudos Avançados*, Dossiê Epidemias, 22 (64), 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000300008>.

LINHARES, Joiada Moreira da Silva; RODRIGUES, Wanderley Bastos; MARTA, José Manoel Carvalho. Exploração aurífera artesanal e a migração de garimpeiros para o território rondoniense. *Fronteiras: Revista de História*, vol. 19, núm. 33, ene-

ro-junio, 2017, p. 43-69. Universidade Federal da Grande Dourados.

LINHARES, Joiada Moreira da Silva; RODRIGUES, Wanderley Bastos; MARTA, José Manoel Carvalho. Exploração aurífera artesanal e a migração de garimpeiros para o território rondoniense. *Fronteiras: Revista de História*. Dourados, MS, v. 19, n. 33, p. 43-69, Jan. / Jun. 2017.

MACIEL, Giovana Belém Moreira Lima e OLIVEIRA, Elaine Cristina de. Perfil entomológico e epidemiológico da malária em região garimpeira no norte do Mato Grosso, 2011. *Epidemiol. Serv. Saúde* [online]. vol. 23, n. 2, p. 355-360, 2014.

SANTOS, Gilberto Carniatto. *Garimpo do rio Madeira em Rondônia. Eu estive lá*. Porto Velho: SENAC, 2008.

SILVA, Renata. M. F. & FONSECA, Dante Ribeiro. A malária na colonização do atual estado de Rondônia: aspectos médicos e históricos. In: GUILHERMANO, Luiz Gustavo et alii. (Org.). *Páginas da História da Medicina*. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, v. , p. 141-150.

SOUTO, Arioaldo Nesso. *Do Guaporé aos garimpos do rio Madeira*. Cuiabá. Gráfica São Benedito, 1985.

WANDERLEY, Luiz Jardim. Corrida do ouro, garimpo e fronteira mineral na Amazônia. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais* – ISSN 2238-3565. V. 8, N. 2, p. 113-137, 2019 – Dossiê: Extrativismo mineral, conflitos e resistências no Sul Global.

WANDERLEY, Luiz Jardim. *Geografia do Ouro na Amazônia brasileira: uma análise a partir da porção meridional*. Tese (Doutorado em Geografia). Orientadora: Maria Célia Nunes Coelho. Rio de Janeiro: UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro / PPGG – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2015.

WANDERLEY, Luiz Jardim. *Geografia do Ouro na Amazônia brasileira: uma análise a partir da porção meridional*, Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em



Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

-----//-----

Abstract: Started in the late 1970s, gold mining on the Madeira River reached its peak in the following decade; its decline beginning in the early 1990s. That activity was concentrated in the Alto Madeira region, including the waterfalled stretch of the river, mostly within the state of Rondônia, also expanding through the border region of Bolivia with Brazil. It attracted people from all over Brazil and among those fortune seekers was Mr. Mario Savanhago. First a prospector, then a dredger, he remained in this activity until the mining began to decline. This article consists of an introduction, containing a brief history of mining activity on the Madeira River in the 1980s; the testimony of Mr. Mario Savanhago; ending with some considerations on the formulation of documents from oral testimonies.

Keywords: Mining; Amazon; Rondônia; Popular knowledge.

Recebido em: 02 de junho de 2022.

Aceito em: 15 de junho de 2022.